

23 de Maio

Aviação sul-africana deixa rasto de sangue e morte na Matola

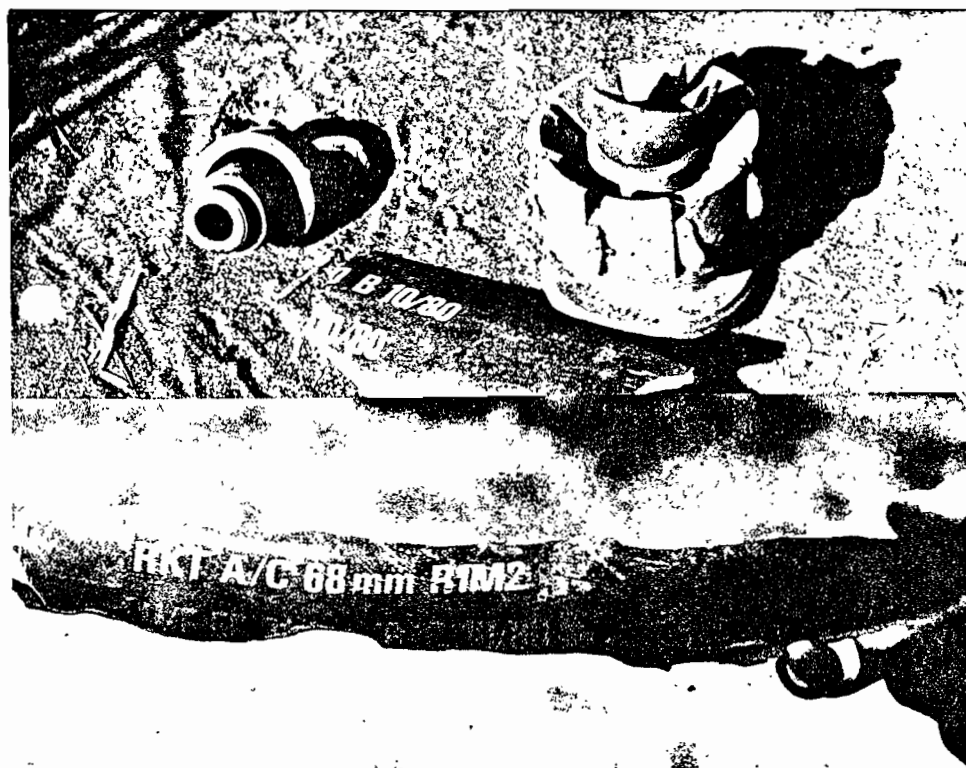
Textos de Albino Magaia, Alves Gomes
e Narciso Castanheira

Fotos de Kok Nam, Naíta Ussene
e Francisco Munia

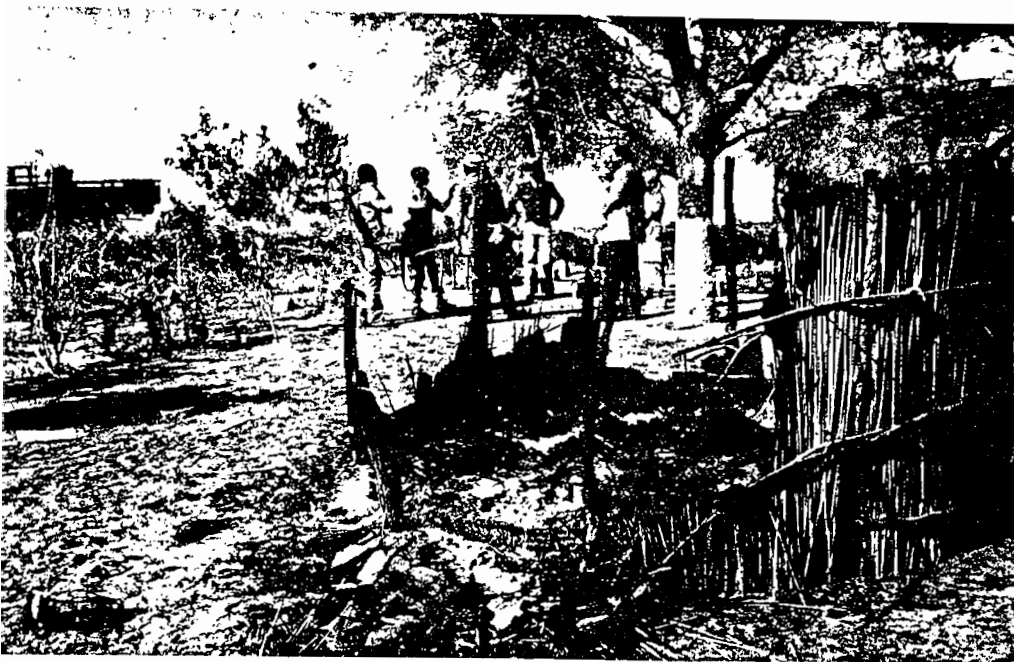
Iamos apreensivos. Os primeiros sinais de que era verdadeira a informação que receberamos telefonicamente de uma jornalista portuguesa (que ia para a Moamba mas que voltara na Matola após ter visto os bombardeamentos da aviação sul-africana) foi o rígido controlo de viaturas na auto-estrada.

A morte veio do céu





Estilhaços e partes de rockete encontrados junto aos locais bombardeados



Palhota carbonizada ao pé da ponte sobre o Rio Matola. Duas mulheres e uma criança foram feridas



Iria Ntivate, exibindo o balde que à sua frente foi metralhado quando estava a cozinhar. A morte por um triz

Junto ao desvio que vai dar à Matola-Velha, ali onde acaba a vedação do Centro Emissor da RM, um polícia fez-nos parar e pediu boleia. Perguntámos a esta segura fonte onde é que havia ocorrido um ataque sul-africano. Disse-nos que ia para lá.

Continuámos e chegámos à ponte sobre o Rio Matola. As primeiras perguntas que dirigimos aos militares confirmámos que sim, uma vez mais os boers nazis haviam deixado um rasto de sangue no

nesso País. Ali mesmo ao pé da ponte um monte de cinza fumegante era o que sobrava do que havia sido uma palhota — humilde casa de gente humilde. Quando tentaram destruir a ponte e não conseguiram o intento devido ao intenso fogo antiaéreo dos nossos soldados, os aviões inimigos retiraram deixando uma bomba que caiu no leito do rio. Um deles (eram quatro ou cinco, as informações divergem) disparou balas de fragmentação antipessoal sobre a palhota

tornando-a cinza e, mais adiante, voltou a repetir o mesmo gesto assassino sobre outro conjunto de habitações de pau-a-pique. Balanço: uma criança do sexo feminino ficou ferida mais duas mulheres — Lúcia Zacarias Chivambo e Celeste Nhantumbo. Ambas estavam entre-tidas nas lides caseiras quando começou o ataque sul-africano à ponte. Ao longo da reportagem constataríamos que a morte havia chegado para ceifar estas imagens da vida quotidiana do Povo: pessoas

ATAQUE TERRORISTA

O que caracteriza o ataque sul-africano do dia 23 de Maio, é a sua natureza terrorista. Isso é patente pelo tipo de armas utilizadas, pelo tipo de alvos escolhidos e mesmo pela hora em que começa o ataque (poucos minutos depois das sete da manhã).

Os aviões — que provavelmente sofreram adaptações para comportarem armamento que não lhes é habitual pelo menos no seu calibre — lançaram bombas e balas de fragmentação antipessoal. Este tipo de bombas e balas, quando caem no solo transformam-se em milhares de estilhaços mortíferos. Em termos técnicos, mudam a direcção do movimento do projectil que, vindo do ar, embate no solo e se espalha em mil bocados pela área vizinha. É como se a arma que os disparou em vez de estar no ar estivesse em terra. Só se usa este tipo de bombas e de balas quando a intenção é fazer o maior número de mortos possível.

Os alvos escolhidos foram todos civis. É esta

outra das características de um ataque terrorista. E o resultado é que todos os mortos e todos os feridos são civis. Nenhum militar sofreu danos porque as áreas por onde a aviação passou não são, na sua maior extensão, zonas de segurança militar.

A hora do ataque é também típica de um acto terrorista. Às sete e alguns minutos é a hora em que as ruas estão cheias de pessoas que vão para o serviço e para o bazar. É a hora em que as crianças vão para a escola. Por isso o elevado número de crianças feridas pelos estilhaços.

É de admirar tudo isto? Não. A África do Sul move-nos uma guerra não declarada como faz em Angola, como o faz no Lesotho, como o faz no Zimbábue. Sob capa de perseguir bases do ANC — que a BOSS com a sua indiscutível capacidade de espionagem sabe não existirem em Moçambique e muito menos na Matola — a África do Sul efectivamente o que tem andado a fazer é violar a nossa soberania, procurando intimidar-nos para nos fazer capitular aos seus desígnios fascistas. Coisa que já devia saber ser tempo perdido porque vai fracassar.

AM

a trabalhar, a varrer o quintal, a dormir, etc. Na segunda habitação, pertencente a Eduardo Vicente Massingue, trabalhador da Avícola da Matola, o primo deste (Afonso António) ficou com todos os seus haveres danificados pelos estilhaços das balas de fragmentação: calças, camisas, rádio, pratos e a própria palhota — que só por mero acaso não ardeu — tudo ficou picotado como se fosse coador. A sua mulher, Iria Nitvane, estava a cozinhar quando ocorreram os disparos. Mesmo à sua frente viu um balde transformado em chapa furada.

Bens do Povo destruídos. Mas as vítimas do ataque e todos os vizinhos ainda tinham moral para fazer humor com as calças e camisas esburacadas de Afonso António...

Continuámos a seguir o rasto de sangue deixado pelos sul-africanos. Tivemos falado já do ataque à SOMOPAL, Sociedade Moçambicana de Produtos Alimentares, onde se produzem sumos, compotas e doces e que só um nazi vesgo tomaria por objectivo militar.

MORTOS COM BATAS DE SERVIÇO

Encontrámos um grupo de trabalhadores com ar grave. A maio-

CORAGEM DAS MILÍCIAS

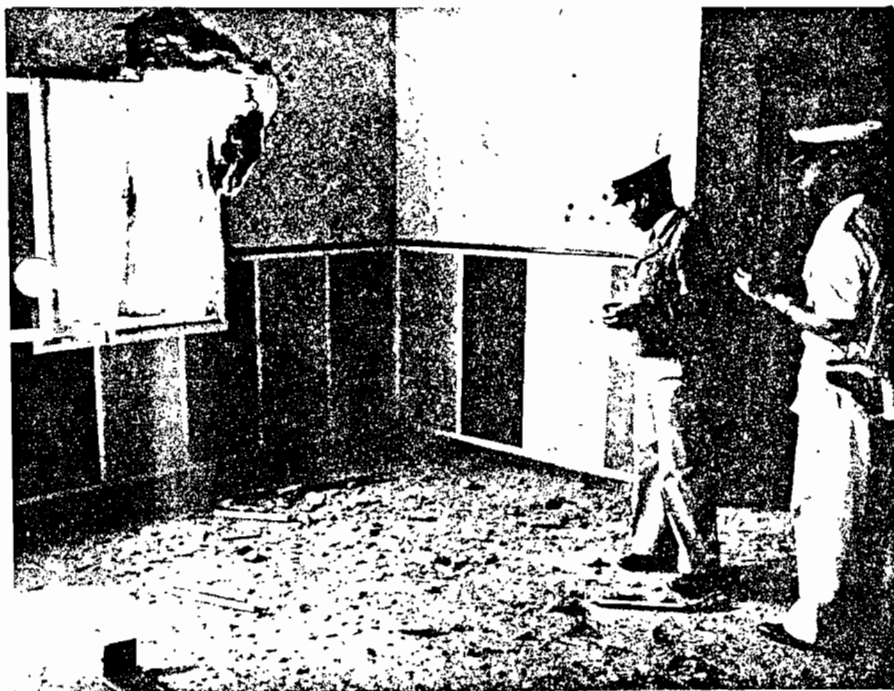
A guarnição militar da Matola, nas suas várias unidades, soube dar resposta adequada à aviação sul-africana. A sua pronta resposta face ao ataque inimigo impediu que houvesse mais danos do que os que foram causados. O fogo antiaéreo confundiu os pilotos assassinos.

De salientar que milícias populares, num gesto de coragem, dispararam as suas armas ligeiras contra os monstros aéreos apesar da desvantagem evidente em que se encontravam.

A. M.



Cadáver de Aída Ribeiro, menina de cinco anos de idade, vítima da agressão sul-africana à zona da Matola



O buraco aberto na parede por um rockete. Trata-se da sala da célula do Partido da SOMOPAL

Ao lado: Os cadáveres de Ana Regina Mutombene (grávida de nove meses), Rosita Munamate e Xavier Marrimisse, todos trabalhadores da SOMOPAL



ria já fora dispensada para ir para casa. Nessa maioria contam-se muitas mulheres que, face ao assassinato de três colegas, choraram copiosamente transformando a fábrica num local de dor. Os mortos são Ana Regina Mutombene (grávida de nove meses), Rosita Munamate e Xavier Marrimisse. Os seus cadáveres ainda envergavam a bata de serviço, as mulheres, e as botas, o homem. Quando uma chuva de rocketes e alguns morteiros foram lançados sobre a fábrica encontravam-se junto às instalações da Célula do Partido e ali mesmo encontraram a morte. Iam ao local onde se fazem as mudas de roupa. O mesmo faziam dois trabalhadores que ficaram feridos. O avião que bombardeou a fábrica despejou também uma saraivada de outros rocketes em dois terrenos contíguos à fábrica. Árvores com troncos feridos, ramos partidos, crateras no chão, tal o espectáculo que se nos foi permitido ver. Nas instalações da fábrica, para além da sala da Célula do Partido que ficou seriamente danificada, partiram-se vidros no escritório local.

Pelos rostos dos trabalhadores presentes, sentimos o trauma que caiu sobre aquela unidade de produção que, num dia igual a tantos outros no momento em que se preparava para o labor viu a morte cair do céu a ceifar vidas. Fora das suas instalações, uma criança que passava foi ferida pelos estilhaços.



Lúcia Chivanbo, de quatro anos de idade, ferida por estilhaços de rockete. Encontra-se de baixa no Hospital Central de Maputo

A esposa de Francisco Morgadinho, mostrando aos jornalistas o que sobrou da sua casa bombardeada



Em baixo:
Rasto de morte na casa de Francisco Morgadinho, director da INTERMARK



Antes de alvejar a SOMOPAL o avião bombardeara, na mesma avenida (Pinto Teixeira) as residências n.ºs 78 e 97. Na primeira o muro da vedação e as paredes ficaram seriamente danificadas enquanto que no n.º 97 Catarina Afonso Mu-hai, de 19 anos de idade, filha de um emigrante que trabalha na África do Sul, ficou ferida quando se encontrava no pomar da casa em afazeres de rotina caseira. O pomar apresentava árvores de fruto destruídas e crateras abertas no terreno pelos rocketes. Quem visse o estado da terra diria que um tractor louco a revolvera sem ordem nem trajectória. Apenas a enorme quantidade de estilhaços falava de agressão com arma de guerra.

A MAIS DANIFICADA DAS CASAS DE ALVENARIA

Francisco Morgadinho, Director da INTERMARK, uma empresa publicitária ligada ao Ministério da Informação, já se encontrava em Maputo para trabalhar quando a sua casa foi alvejada por aquilo que técnicos militares disseram ser 16 rocketes e uma ou mais bombas de fragmentação. Habitação airosa e bem construída, tornou-se num monturo de cimento e pó nas áreas atingidas, principalmente os quartos de dormir. Não houve, felizmente vítimas a lamentar, porque a esposa tinha ido à padaria, o empregado ainda estava a caminho daquele seu local de trabalho e os

demais empregados que lá havia estavam entretidos a dar de comer a patos e perus de uma capoeira. Se casualmente se encontrassem na horta teriam tido morte certa pois que ela ficou com inúmeras crateras e a terra completamente revolvida.

Uma criança que passava para a escola numa rua ao lado ficou ferida com os estilhaços.

Esta habitação, que fica no talhão n.º 26 da Rua da Escola, tem quintal comum com o talhão n.º 25 pertencente a Manuel Jacinto, camionista. Ele e toda a gente da

casa, num total de sete pessoas, encontravam-se a dormir quando foram acordados pelo estrondo dos disparos e explosões. Júlio Ndumbe, jovem de 23 anos de idade, ficou ferido em consequência dos estilhaços. Os prejuízos sofridos por aquele camionista são avult

AGRESSORES PARTIRAM DE MKUZE

A esquadilha de aviões «Impala MK III» da aviação sul-africana que na passada segunda-feira realizou o ataque contra alvos civis na Cidade da Matola, partiu da base de Mkuze no norte da província do Natal na África do Sul.

Fontes sul-africanas e diplomatas confirmaram esta informação à «Tempo», tendo indicado que é igualmente a partir da base aérea de Mkuze que a aviação sul-africana leva a cabo voos de reconhecimento na zona compreendida entre Maputo e a Ponta do Ouro.

Criada há menos de dois anos pela Tactical Airforce Unit (Unidade Tática da Força Aérea — TUC), a base de Mkuze conta com um esquadrão permanente de oito aviões Impala, bem como com aviões Kudu para o reconhecimento aéreo.

No momento da criação desta base, o exército sul-africano decidiu evacuar da zona toda a população camponesa alegando que receava que o seu pessoal pudesse vir a ser contaminado pela cólera. Algumas facilidades foram então estabelecidas na base, nomeadamente um sistema de telecomunicações e uma bateria de mísseis terra-ar Cactus.

Situada a sul do bantustão de Ingwavuma (parte da oferta de terras à Suazilândia), Mkuze fica a 85 quilómetros de Catuane no sul do nosso país e a menos de 55 quilómetros da cidade de Ingwavuma. A base conta com 105 membros da força aérea preparados para «acções de defesa e reconhecimento», segundo afirmações

feitas há um ano pelo comandante Tourens que chefiava o esquadrão de Impalas.

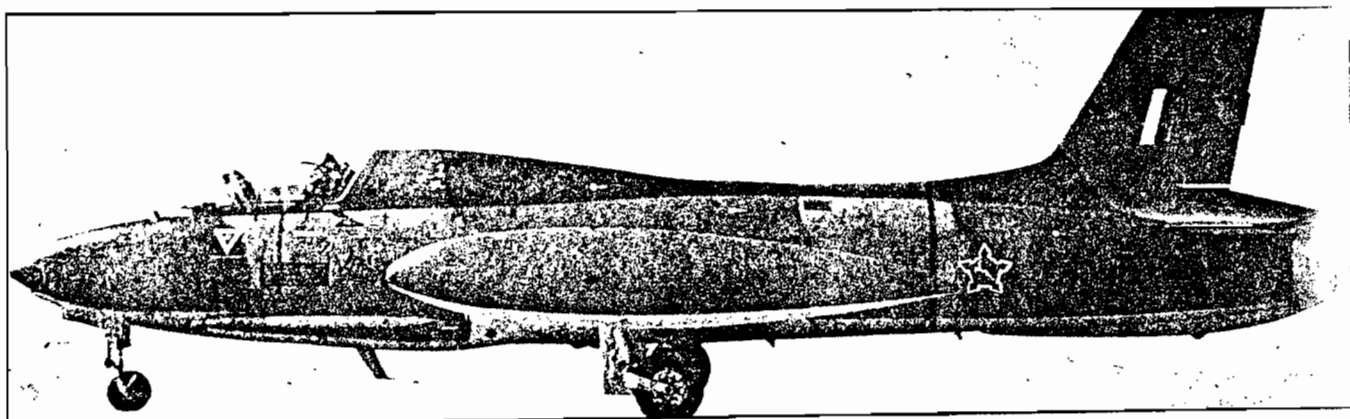
Os aviões «Impala MK III» estacionados em Mkuze e que na Matola semearam a dor em muitos lares, também têm sido utilizados nos «raids» aéreos contra a República Popular de Angola. Estes aviões são próprios para operações «surpresa» pela sua maleabilidade e por poderem operar entre os quinze e os sessenta metros de altura.

De origem italiana, os Impala são actualmente montados na África do Sul pela empresa Atlas Corp. em Kempton Park no Transvaal, contando a força aérea de Pretória com as duas últimas variantes deste avião, o MK II e o MK III.

Estes aviões têm um raio de acção de menos de 270 quilómetros e uma velocidade de 960 quilómetros por hora, podendo aterrar em pistas de menos de 450 metros. Estão munidos com seis suportes para munições, dois dos quais podem transportar dezanove «rockets» de 68mm cada (os utilizados na Matola) e podem carregar no seu bojo bombas com um peso total de duas toneladas.

De notar que segundo apurámos, o trajecto feito pelos aviões que levaram a cabo a agressão contra a República Popular de Moçambique foi de cerca de 360 quilómetros. Os aviões atravessaram a parte sul de Moçambique em direcção ao mar e daí derivaram para Maputo, tendo saído em direcção à Suazilândia no regresso à base de Mkuze no norte do Natal.

A.G.



Impala MK II utilizado pela aviação sul-africana — a versão anterior dos aviões que na Matola semearam a morte e a dor entre muitas famílias

dos nomeadamente o telhado furado, vidros da casa e de carros partidos.

No talhão n.º 27 duas crianças ficaram feridas.

NO SIAL E NA LIBERDADE

No Bairro do Sial duas pessoas foram atingidas na residência n.º 71 da Rua Ortins de Bettencourt pertencente a Ismalgy Abubacar Ismalgy que foi alvejada com fogo de rockete. Trata-se do filho e do criado deste cidadão. Ainda no mesmo bairro, Alberto Chissano, escultor de fama internacional, ficou com a sua casa seriamente danificada e com obras de arte destruídas em virtude do bombardeamento de que foi vítima. Dir-se-ia que nem a arte foi poupada pelos nazis sul-africanos na sua senha assassina.

No Bairro da Liberdade uma mãe de 4 crianças foi ferida juntamente com uma das filhas quando este bairro foi cegamente bombardeado pela aviação inimiga. Na sua casa, uma humilde palhota que integra o conjunto da povoação, para além de destruir árvores e arbustos os rocketes mataram um cão e uma ga-



Na casa de Manuel Jacinto quando chegámos começara a limpeza dos escombros

linha. Poderá parecer ridículo citar estes factos. Mas são bens da população e ridículo é um avião bombardeiro que alveja civis, crianças, cães e galinhas. Aliás neste bairro cabritos e muitas aves de capoeira foram mortos.

No n.º 150 da Rua de Maputo (muito próximo da habitação de que se fala atrás) havia luto. Durante o bombardeamento uma criança que

se encontrava a 'brincar, de nome Aida Joaquim Ribeiro de cinco anos, foi ferida e morreu quando era transportada para o Hospital Central de Maputo. A sua mãe, que chorava desesperadamente, estava na bicha do gás quando se deu o acontecimento. Noutra casa, Gilda Júlio Nhantumbo relata-nos como um jovem de 15 anos foi ferido num pé quando se encontrava a apanhar o lixo defronte da casa.

Mais adiante, cerca de um quilómetro da Rua de Maputo, três casas foram alvejadas. Trata-se de duas da Rua de Mocimboa da Praia. Numa, a locatária, Deolinda de Sousa, diz-nos que estava a dormir quando começaram os disparos de rocketes. Noutra ao lado Chica Sa-



Um buraco numa das paredes da casa de Francisco Languisse, trabalhador da TUDOR. Para além desta parte, o telhado abriu um rombo



Francisco Languisse, trabalhador da TUDOR. Elevados prejuízos na sua habitação

GOVERNO LOUVA PRONTIDÃO DO POVO NA RESPOSTA

● Comunicado saúda firmeza da Comunidade Internacional

O Presidente Samora Machel esteve reunido na passada terça-feira, dia 24, com o Conselho de Ministros, com o qual analisou o comício do dia 21 de Maio e a questão da escolha de «quadros qualificados» para a materialização das directrizes do IV Congresso.

Nesse encontro, tendo sido analisada a agressão do regime do apartheid à RPM, esta mereceu a verificação, no comunicado, que a seguir transcrevemos de que «o Governo apreciou a pronta e decisiva resposta do Povo moçambicano e as firmes posições assumidas pela comunidade internacional».

«O Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel, trabalhou na passada terça-feira com o Conselho de Ministros para analisar o comício popular do passado dia 21 de Maio e escolher quadros qualificados para vários sectores, com vista a prosseguir os objectivos definidos no IV Congresso do Partido Frelimo e, em particular, a luta contra a fome.

«Ao nível militar, foi analisado e discutido o reforço da capacidade defensiva e garantia da soberania e, nomeadamente, a liquidação dos bandos armados, que continua a constituir prioridade.

Analisando a bárbara agressão perpetrada contra o nosso País e o nosso Povo, pelo regime do «apartheid», o Governo apreciou a pronta e decisiva resposta do Povo moçambicano e as firmes posições assumidas

pela comunidade internacional.

O Governo saúda o Corpo Diplomático, acreditado no nosso País, pelas inequívocas expressões de solidariedade testemunhadas em relação ao nosso Povo, após a visita aos locais destruídos pelos bombardeamentos.

«Em particular, o Governo saúda os países socialistas, que já se ofereceram para fornecer equipamentos para o reforço da defesa da nossa Capital. Muitos governos já exprimiram com clareza que não assistirão passivamente a um segundo Beirute.

«O Governo saúda a enérgica tomada de posição do Presidente da OUA, Daniel Arap Moi, do Presidente do Movimento dos Não-Alinhados, Indira Gandhi, do Secretário-Geral da ONU, Javier Perez de Cuellar e do Secretário-Geral da OUA, Edem Kodjo.

«O Governo saúda os países

que exprimiram solidariedade para com a República Popular de Moçambique e o Povo moçambicano e condenaram a agressão racista. Em particular, destaca as mensagens do Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, e do Primeiro-Ministro da Austrália, Bob Hawke, bem como dos Governos de Portugal, da França, dos Estados Unidos da América, da Grã-Bretanha e República Federal da Alemanha.

«Com particular calor e emoção, o Governo saúda a coragem e firmeza do Povo moçambicano, o patriotismo e a maturidade de que mais uma vez deu provas pela forma como reagiu a esta agressão, saúda as Forças Armadas de Moçambique (FPLM), as Milícias Populares, os militantes do Partido, os Grupos Dinamizadores, as organizações democráticas de massas e todos quantos, logo após os criminosos bombardeamentos, se distinguiram na organização do Povo, na pronta evacuação dos feridos, na protecção da população, no conforto dos que perderam entes queridos e viram destruídos os seus bens.

A LUTA CONTINUA!

Maputo, 24 de Maio de 1983»

mais duas filhas já estavam nas lides domésticas quando uma das paredes foi destruída com fogo aéreo conjuntamente com parte do telhado.

Numa casa situada nas traseiras destas duas, Q 3/150 A, na Rua do Lobito, o muro, uma capoeira e um pomar foram inutilizados, enquanto que a uns cem metros dali um cidadão sul-africano que lavava o carro encontrou a morte instantaneamente quando atingido por esferas de rockete.

É este, em resumo, o balanço do rasto de sangue deixado pela aviação da África do Sul nazi.

Para outras informações ver caixas em anexo.

ALBINO MAGAIA

Gilda Júlio Nhamumbo explica como foi ferido um jovem de 15 anos que recolhia lixo mesmo em frente a esta casa



MUNDO CONDENA A AGRESSÃO

Os Presidentes da Organização de Unidade Africana (OUA) e do Movimento dos Países Não-Alinhados, Daniel Arap Moi e Indira Gandhi respectivamente, manifestaram a sua solidariedade com Moçambique face ao ataque de segunda-feira pela aviação do regime sul-africano, em mensagens emitidas horas após a agressão. Qualificando-a de «um autêntico acto de terrorismo» Daniel Arap Moi acrescenta que a «acção de Pretória não foi somente uma violação da Carta das Nações Unidas, mas também um acto de genocídio da racista África do Sul».

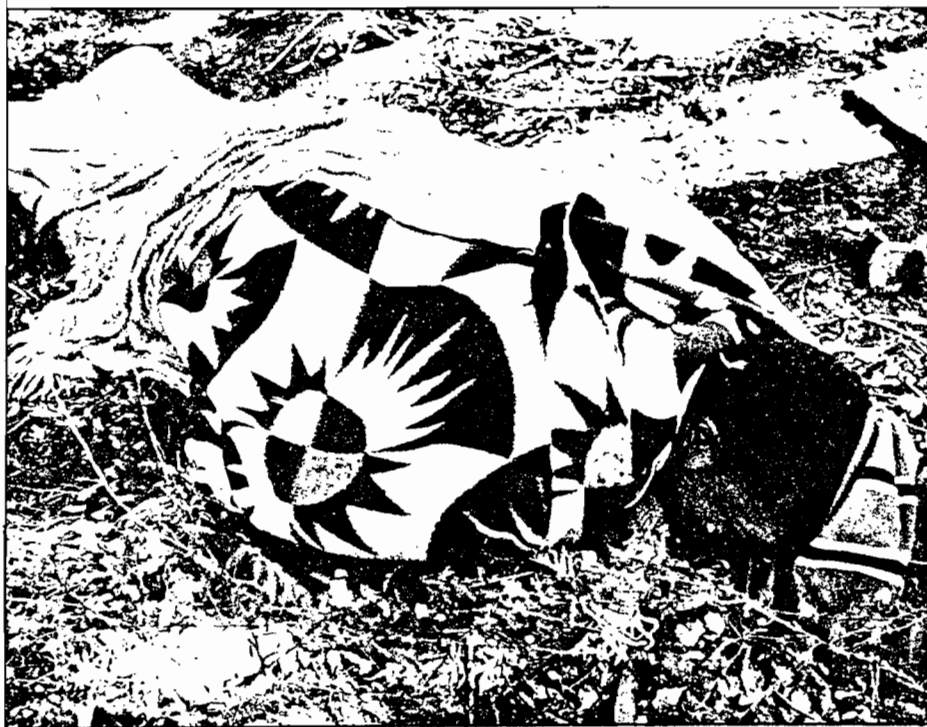
Ao longo de todo o dia 24, terça-feira, foram-se multiplicando mensagens do mesmo teor vindas de diversos estados, organizações internacionais e personalidades dirigidas à Presidência do Partido Frelimo e à da RPM, bem como ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. O titular desta pasta, Joaquim Chissano, manteve em Nova Iorque, onde se encontrava a participar no debate da ONU sobre a Namíbia, um encontro de cerca de uma hora com o Secretário-Geral, Perez de Cuellar, a quem deu pormenores do ataque.

O Secretário-Geral lamentou, num comunicado emitido depois, «a escalada da violência na África Austral e a perda de vidas inocentes» realçando que a ocorrência repunha «a necessidade urgente de soluções pacíficas para os problemas da região».

«Enquanto os negros forem privados de direitos políticos e a repressão for usada para manter a dominação branca, não haverá paz na África do Sul» afirma, na sua mensagem de condenação, o Sindicato Nacional dos Estudantes sul-africanos. Desmond Tutu, Secretário-Geral do Conselho Sul-Africano das Igrejas, condenou igualmente a acção da aviação sul-africana, reafirmando o seu apoio aos objectivos do ANC.

Outras mensagens foram de João Bernardo Vieira, Presidente da Guiné-Bissau, Chadli Benjedid, da Argélia, Mohamed Abdelaziz, da RASD, do Governo do Zimbabwe, que condena «nos termos mais veementes possíveis, as contínuas agressões pelo regime racista contra os países da Linha da Frente»; do Reino do Lesotho, da República Popular da China e do governo australiano; da Direcção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional e do Partido Socialista Português; da Liga Árabe, Ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE e o embaixador da RFA na RPM.

«A imaginação fértil de Pretória poderá provavelmente criar mísseis e campos para os combatentes da liberdade no Zimbabwe, Zâmbia e Angola como bodes expiatórios alerta o «The Herald»: «Todos esses países farão bem preparando as suas defesas».



Cadáver do cidadão sul-africano morto quando lavava um carro

Membros da Cruz Vermelha Internacional, visitaram na tarde de terça-feira, dia seguinte à agressão sul-africana a zona da Matola, para de perto se inteirarem dos estragos causados por aquela acção criminosa dos racistas de Pretória. Conversaram com a população residente no local e disseram à nossa reportagem que aquela instituição tudo fará no sentido de dar o máximo de apoio possível para a reconstrução das infra-estruturas destruídas.

O nosso crime é odiar o apartheid

● Coronel Sérgio Vieira na SOMOPAL



«Com o nosso trabalho e a nossa produção, vingaremos os nossos companheiros» — Coronel Sérgio Vieira, na reunião que dirigiu na SOMOPAL.

«Aquilo que se passou aqui no dia 23, foi uma derrota para os sul-africanos. Foi mais um fracasso. Por isso, tiveram de mentir. Inventaram alvos que não existem» — afirmou o Coronel Sérgio Vieira, Ministro da Agricultura, numa reunião que orientou na SOMOPAL, na passada quarta-feira, a propósito da agressão dos racistas de Pretória contra alvos civis na zona da Matola, na capital da RPM.

«Sabemos fazer da nossa dor uma nova força. Vocês não estão sozinhos. Todos os trabalhadores do Ministério da Agricultura, o Partido Frelimo e todos os trabalhadores moçambicanos estão convosco» — afirmou o Coronel Sérgio Vieira na cerimónia de luto, em memória dos três trabalhadores da SOMOPAL, que foram vítimas da barbárie dos racistas sul-africanos.

Estavam ali reunidos cerca de mil pessoas, ligadas a diversos

organismos do Ministério da Agricultura, como é o caso da Machamba Estatal «25 de Junho», que ali expressou a sua determinação em continuar a garantir o fornecimento de matéria-prima para que aquela fábrica não paralise a sua produção.

Como dissemos, os três trabalhadores daquela empresa foram assassinados quando se preparavam para mudar de roupa para iniciarem o seu trabalho. E os racistas, como explicou o Coronel

Sérgio Vieira, afirmam que a SOMOPAL é uma base secreta para treino de militares do ANC, em número de 200, conforme as afirmações falsas do embaixador sul-africano em Londres.

Acerca disso, Sérgio Vieira perguntou aos presentes se conheciam alguma base de treino ou de outro tipo de actividade por parte do ANC naquela zona, ao que responderam: «NÃO!».

Adiantou ainda que o referido embaixador assegurou essa sua afirmação, como fruto do trabalho desenvolvido pela rede de espionagem sul-africana que, na opinião deles, é bastante eficaz.

Se assim é, isso significa que, como disse o Ministro da Agricultura, os que ajudam o ANC no interior da África do Sul (referência aos últimos ataques do movimento nacionalista a alvos mili-

tares do regime racista de Pretória) estão lá dentro infiltrados. Daí que os sul-africanos devessem procurá-los no interior do seu país e não fora como tentam justificar com a recente agressão à República Popular de Moçambique.

«Eles querem que as lágrimas tapem os nossos olhos para não podermos ver as máquinas com que produzimos» — frisou o Coronel Sérgio Vieira. E que em resposta a essa acção é necessário reforçar os quadros daquela empresa, como forma de não esquecer nem perdoar tão bárbara acção dos racistas. Na altura, apresentou aos presentes uma nova trabalhadora que ficará afecta àquela unidade de produção, que concluiu recentemente o curso de química. E os presentes responderam com aplausos!

BALANÇO DA AGRESSÃO: SEIS MORTOS E 39 FERIDOS

Em consequência do criminoso «raid» da aviação sul-africana do passado dia 23, morreram seis pessoas, todas elas — à excepção de uma — de nacionalidade moçambicana. São os seguintes:

- Na fábrica Somopal, na Matola, Ana Regina Mutombene (em estado de gravidez), Rosita Munamate e Xavier Marremisse.
- No Bairro da Liberdade, Aida Joaquim Ribeiro (cinco anos) e um cidadão sul-africano.
- Um militar que veio a falecer no Hospital.

O ataque provocou ferimentos diversos em 39 pessoas.

Dada a extensão da área atacada pela aviação inimiga, não foi possível reconstituir até ao momento as circunstâncias em que cada um dos atingidos foi ferido.



Trabalhadores da SOMOPAL, não escondem a sua dor pela morte dos seus três colegas assassinados pela aviação sul-africana

Entretanto, antes da intervenção do Ministro da Agricultura, foram lidas mensagens de empresas ligadas àquele ministério, cujo teor manifesta a sua dor e repúdio pela acção inimiga mas também, o compromisso solene em garantirem as matérias-primas para que a fábrica nunca páre. Numa delas, a da Caju de Moçambique, os trabalhadores da mesma comprometem-se a apoiar os da SOMOPAL, na reconstrução das infra-estruturas danificadas pelo bombardeamento sul-africano.

NARCISO CASTANHEIRA

CEIFANDO IMAGENS DA PAZ

Todos os mortos e feridos, quando foram alvejados, estavam empenhados em actividades normais da vida quotidiana e alguns mesmo estavam a dormir ainda.

Na SOMOPAL os operários estavam a mudar a roupa para iniciarem o dia de labor. Nas habitações uns estavam a varrer os quintais, outros estavam a cozinhar e, nas ruas, as crianças ou estavam a brincar ou iam para a escola. Mas dada a hora madrigal do ataque, a maioria das crianças estava, efectivamente, a cumprir uma tarefa qualquer do quotidiano.

Alguns dos locatários das habitações atingidas estavam a dormir. Foram acordados pelo estrondo das bombas que um deles disse ter julgado, a princípio, ser uma trovoadas.

Foram imagens da paz e do quotidiano que os fascistas mataram.

Na quinta-feira VÍTIMAS DO ATAQUE FORAM A ENTERRAR

● Apelo à comunidade internacional para apoio na reconstrução dos estragos

Foram a enterrar na tarde da passada quinta-feira, no cemitério de Lhanguene, em Maputo, as vítimas do «raid» da aviação sul-africana ao nosso País. Nas cerimónias fúnebres, que constituíram manifestação de profundo pesar e de vivo repúdio ao criminoso ataque do regime sul-africano, participaram altos dirigentes do Partido e do Estado.

Na manhã do mesmo dia, Graça Machel e Cristina Tembe, membros do Comité Central do Partido Frelimo, e Salomé Moiane, Secretária-Geral da

OMM, na qualidade de membros do Secretariado Nacional da OMM apresentaram, em cerimónias separadas, condolências aos familiares das vítimas, em nome do Partido e do Povo moçambicano.

Ainda na manhã do mesmo dia, Jacinto Veloso, membro do Bureau Político do CC do Partido Frelimo e Ministro da Segurança, reuniu-se com representantes do Corpo Diplomático acreditados no nosso País e com representantes de organizações humanitárias nacionais e internacionais, a quem solicitou apoio

para as vítimas e para a reconstrução dos estragos provocados pela aviação sul-africana.

Entretanto, um comunicado da Presidência da República, emitido na véspera, afirmava que o Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique expressou «o profundo apreço e emoção» pelas inúmeras manifestações de solidariedade e apoio que continuavam a chegar ao País. Depois de referir as mensagens dirigidas ao Presidente Samora Machel por Chefes de Estado e de Governo e organizações políticas e sociais, o documento acrescenta que «a juntar à vontade manifestada pelos países socialistas, em reforçar o dispositivo defensivo do nosso País, o Governo da República Popular de Moçambique recebeu ontem também mensagens de alguns países africanos, afirmando a sua disponibilidade com o mesmo objectivo».